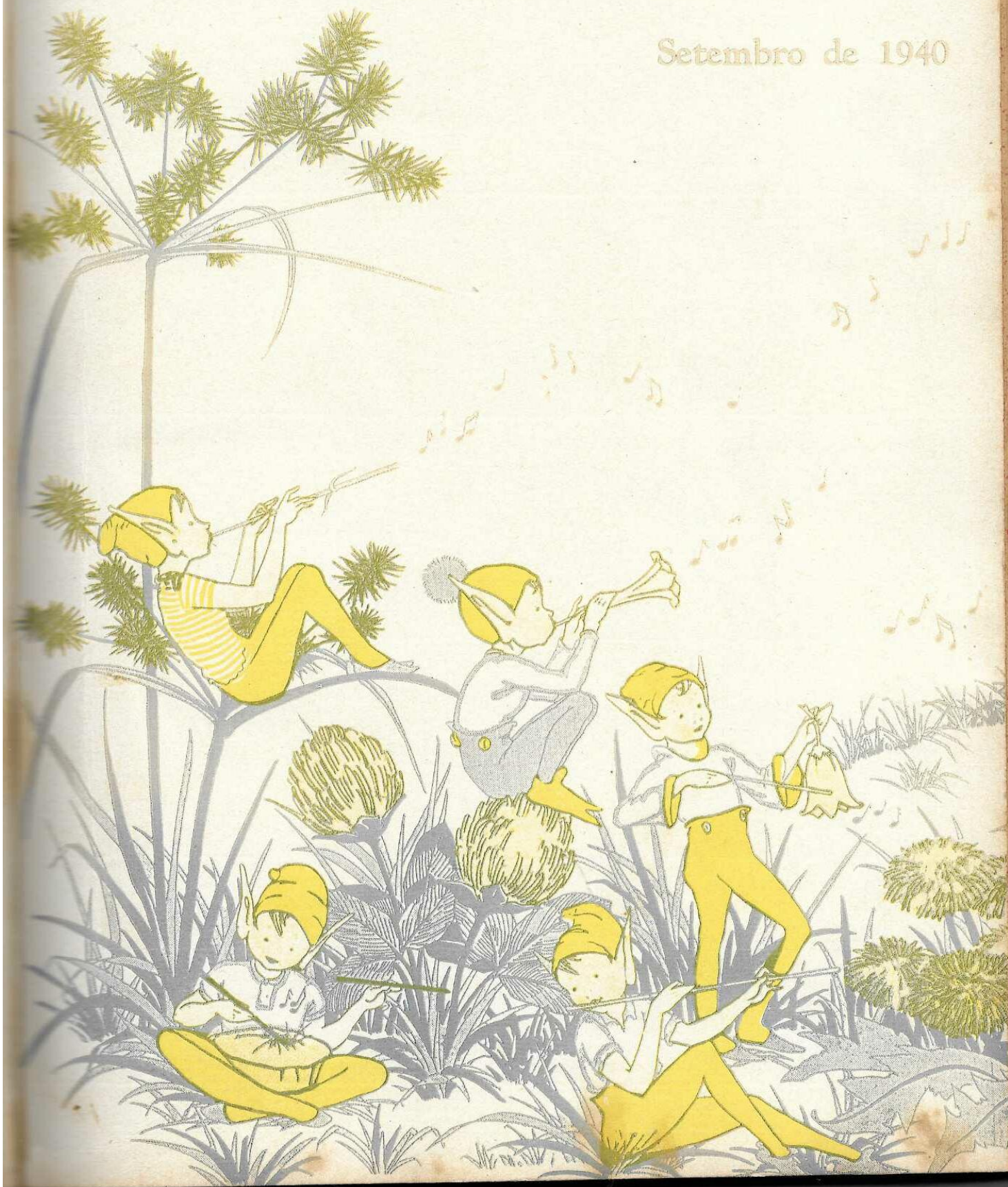


Bem-Te-Vi

ANO XVIII

NUM. 9

Setembro de 1940





Pérolas

Pérolas

e

"Eles serão meus, diz o Senhor dos Exércitos, naquele dia que farei, me serão propriedade".

Encontramos neste versinho de Malaquias capítulo 3, verso 17, referência à propriedade de Deus. Quais propriedades? Serão as estrêlas brilhantes? Oh! Melhor que isso. São as almas belas. Lembro-me de uma história que ouvi há muitos anos para ilustrar como se formam as almas belas. Comparava com a formação das pérolas.

Sei que tôdas as crianças têm visto e admirado as pérolas tão bonitas que muitas senhoras usam. Talvez sua mamãe tenha uma em casa e dê licença para você ir examiná-la com muito cuidado. Tenho certeza de que vocês todos estão querendo saber como elas são feitas e como se tornam tão lindas.

E' Deus quem faz as pérolas, bem como tôdas as coisas belas ao nosso redor — as flores, as árvores, as montanhas, os rios, o céu, tudo, tudo.

Mas sabem onde se forma a pérola tão procurada? Na concha duma ostra!

A concha é áspera e grossa, não é nada bonita. Parece impossível ser êsse o lugar de uma pérola, não é verdade? Mas a ostra não tem a mínima idéia da beleza que se está formando na sua concha. Ela passa o dia todo gozando e divertindo-se no fundo do mar, assim como uma criança passa o dia todo ocupada com seus brinquedos sem, porém, pensar em nada. Mas só com essa boa vida uma ostra nunca nos daria uma pérola, do mesmo modo que uma criança que só brinca, tendo todos os seus caprichos satisfeitos, nunca formará um carater belo e desejável.

Ouçam bem o que acontece, lá um belo dia. Um pedacinho de pedra áspera ou um grãozinho de areia entra na concha da ostra.

Êsse pedacinho de areia machuca a ostra e ela se esforça muito, faz o que pode para livrar-se dêle. No entanto, quanto mais a ostra se mexe, mais se machuca e maior se lhe torna a dor.

Ela se torce e luta até se abater, mas em vão. Aquele grãozinho que a machuca ali entrou para ali ficar.

Depois de tanto esforço, a pobre ostrazinha se conforma e resolve fazer o melhor que pode, ficando quieta e aguentando a dor. Então duas coisas acontecem. Em primeiro lugar, com a paciência do pobre animalzinho, o sofrimento se torna mais suportável.

Em segundo lugar, um fluido cristalino começa a cobrir o pedacinho de areia, deixando-o arredondado, com uma superfície lisa, de modo que dentro de pouco tempo já êle não machuca mais a ostrazinha. Aquela coisa feia que tanto a machucava, começa a ficar bonita, tornando-se cada dia mais linda na sua côr. E sem que a ostra saiba, uma pérola tão cara e por todos desejada, vai-se formando dentro da concha, ao redor daquilo que, no princípio, lhe parecia tão cruel.

Lá um belo dia um pescador acha a ostra, abre a concha e descobre a pedra preciosa que será usada num colar ou na corôa dum rei.

E assim é que muitas vezes Deus faz uma alma bela. Queremos sempre ter momentos felizes e quando alguma tristeza ou dificuldade nos aparece, achamo-la insuportável e às vezes nos revoltamos. Lutamos, esforçando-nos para nos livrar delas e pedimos que Deus nos ajude também.

Mas muitas vezes Deus não nos atende, livrando-nos delas. Ao invés Êle nos ensina a ficarmos quietos, resignados, a aceitarmos os trabalhos da vida e a continuarmos o nosso caminho. Então, todos os trabalhos se tornam menos pesados e até suaves porque ficamos quietos, isto é, calmos. E a graça divina vem sobre nossa vida, transformando-nos as dificuldades em bênçãos.

E' a perola que está crescendo em nosso coração, uma alma bela e um carater nobre. Deus nos vigia e deleita-se porque algum dia Êle irá usar esta perola em Sua própria corôa.

Bem-Te-Vi

ANO XVIII ★ REVISTA MENSAL — matriculada conforme o decreto 24.776 de 14 de Julho de 1934. ★ NUM. 9

Gerente responsável: —
Fernando Buonaduce

Redação: Av. Condessa de São Joaquim, 155
Oficinas: Rua da Liberdade, 659

Assinatura anual 10\$000
Número avulso . 1\$000

Tôda a correspondência deve ser enviada à Gerência do "Bem-Te-Vi"—Caixa Postal, 3120—S. Paulo

Diretor:
Afonso Romano Filho

● São Paulo, Setembro de 1940 ●

Redatora:
Antonieta Gonçalves Gilioli

NELSON E SEU SAPATO DE PAU

— Alzira, Alzira! Veja! Mais quinhentão!

Assim gritava Nelson à sua irmãzinha que correu a admirar-lhe a moeda e a fazer-lhe companhia na doce satisfação de pôr mais quinhentos réis no cofre.

Estava ajuntando dinheiro, com seu próprio trabalho. Tôdas as tardes seu serviço era empurrar o nenê da vizinha no carrinho feito de caixote, pois também eles eram pobres. Depois de rodear o quarteirão dezenas de vezes, até passar uma hora, vinha entregá-lo, quasi sempre adormecido, à mãe, cujo serviço rendia milagrosamente durante essa hora. E por êste empregozinho, Nelson ganhava \$500 por semana. Mas já era um dinheirinho. Imaginava, pois, gastar os 5\$000 que ajuntara, comprando doces, muitos doces, para, pelo menos um dia, êle, Alzirinha, o papai e a mamãe comerem doce à farta. Já fazia quasi dois meses que vinham sonhando com êsse grande dia. Pretendia também tomar parte em alguns brinquedos no parque. Quantos castelos!

E estavam na véspera do grande dia.

Assim contentes, desceram os dois irmãozinhos para um canal dos muitos que há na Holanda. Vendo passar alguns botes, Nelson teve uma idéia.

— Alzirinha, vou dar à sua boneca um passeio de barco. Imagine como ela vai gostar!

Isto dizendo, tirou um dos seus sapatos de pau e pôs nágua com a bonequinha dentro. Antes teve o cuidado de amarrar-lhe no salto um barbante e com uma varetinha segurar nele um papel feito vela.

Ah! O bote navegou que foi uma beleza. Mas, de repente o barbante escapou de sua mão e lá se ia indo o barquinho.

— Nelson! gritou a irmã.

Entretanto, o menino foi esperto e com uma vara trouxe-o novamente para si.



Todavia, para amolar a irmã, deixava constantemente escapar o barbante, puxando-o imediatamente com a vara.

— Ah! Eu havia de alcançá-lo nem que...

Não acabou de falar. Uma brisa mais forte bateu em cheio na vela e carregou o barquinho além de suas possibilidades de pegá-lo.

Alzirinha saiu chorando a ver se encontrava alguém capaz de ajudá-los.

— Espere! Espere! Acho que posso.

Mas em vão. O barquinho, ou melhor, um pé de sapato, lá se ia, indiferentemente.

Alzirinha começou a chorar. Nelson, para sossegá-la, dizia:

— Não chore. Eu dou todo o dinheiro do meu cofre para você comprar outra boneca se esta não voltar, (sua intenção era segurá-la na ponte).

E pôs-se a correr, um pé calçado, um pé descalço. Tropeçou; esfolou o dedão, mas foi adiante. Desceu ao lado da ponte, esperou, nada; o barquinho não aparecia.

Então Nelson começou a se perturbar. Tinha ainda os sapatos de couro que eram os domingueiros; mas para usar durante a semana, só se comprasse outro par. E dinheiro?

— Adeus doces! Adeus brinquedos! Ou a boneca prometida, ou o sapato.

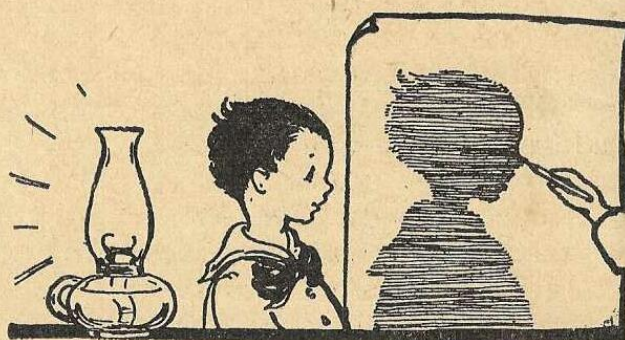
Por algumas horas, Nelson esteve sentado, tristonho, à beira do canal, em um bonito lugar coberto de túlipas. Afinal surgiu um bote. Ao aproximar-se Nelson notou que havia nele um menino com seus pais e que pelos modos pareciam desejar colher as túlipas, mas estavam fora de mão.

Teve um pensamento ruim. “Bem que eu podia apanhar para eles, mas não vou”. Imediatamente, porém, mudou de idéia. Chamou o *boteiro*, deu-lhe sinal que esperasse. Apanhou uma braçada de flores e, ao entregá-lhes, viu lá dentro do bote o seu sapato de pau com a bonequinha da irmã. Que prazer! Contou-lhes o caso e eles com muito gosto lhe deram o achado, dizendo que o viram enroscado pouco acima. E assim ele foi recompensado pelo bom sentimento que teve de ajudar os outros.



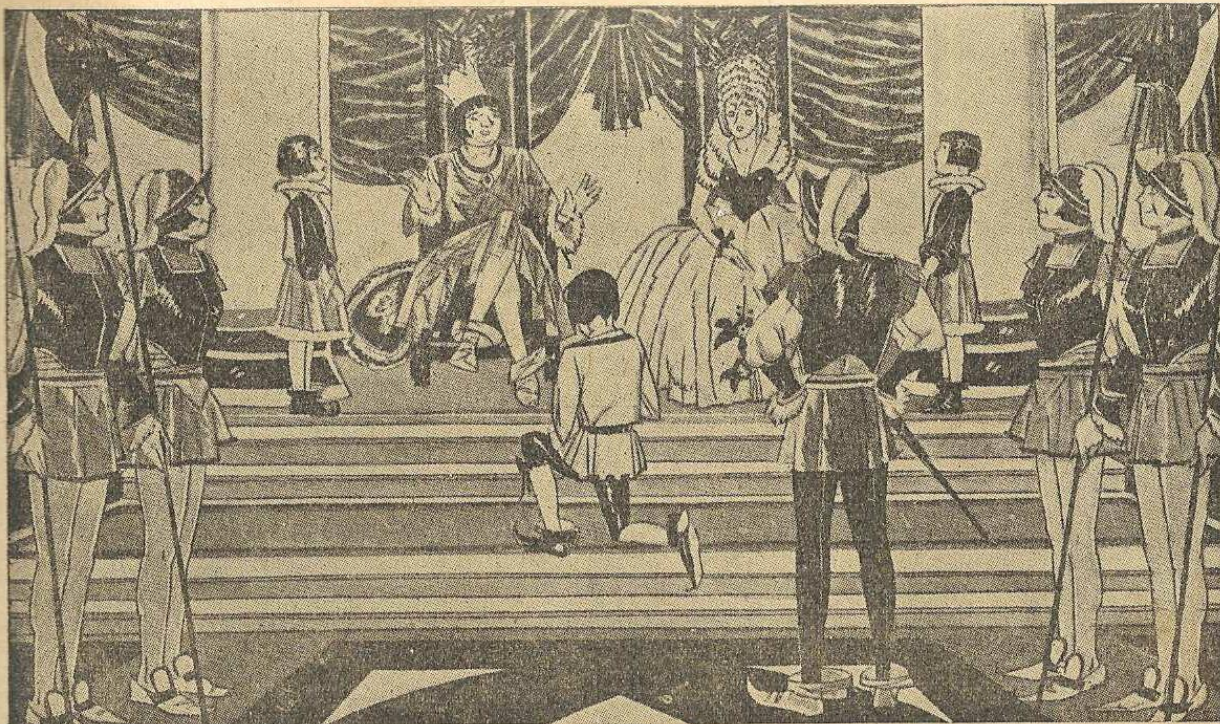
RETRATOS ENGRAÇADOS

Vocês precisam apenas de algumas folhas de papel de embrulho, um lapis bem apontado e uma boa luz que faça sombra. A luz de um lampeão de rua também serve. E' preciso haver duas crianças para uma tirar o retrato da outra. Pregue o papel na parede, com alfinetes, deixando-o bem esticado e coloque a pessoa a ser fotografada entre o papel e a luz, de modo que sua sombra caia bem proporcionada no papel. Enquanto isso



o *retratista* passa o lapis sobre a sombra, deixando-a perfeitinha, se a outra não se mexer.

E' divertido êste trabalho e a criança fotografada gostará muito, muito de vêr o seu perfil e de colocá-lo em um quadrinho.



O JULGAMENTO DE ARÍ

PERSONAGENS

O rei Alegria
A rainha Felicidade
Arí (um menino robusto)
Duas pagens (para segurar a cauda do vestido da rainha)
Mensageiros
Ministro real
Capitão da guarda
Guardas
Snr. Relógio
Snr. Banho
Dona Veneziana
Dona Escova de Dentes
Raios de Sol
Snr. Pão e d. Manteiga
Snra. Posição

Vegetais { cenoura
beterraba
batata
tomate
espinafre
alface
agrião

Snr. Leite

Irmãs { mamão
Frutas { banana
laranja

Cereais
Dona Água
Snr. Equilíbrio

CENÁRIO

A sala do trono, no palácio real, na Terra da Saúde. Palco espaçoso.

Mensageiros (aparecem à esquerda e à direita e tocando a trombeta para chamar a atenção).

O rei Alegria e a Rainha Felicidade, da Terra da Saúde, e sua Corte entram enquanto se toca uma marcha. O rei e a rainha sobem ao trono. Entra o ministro real. Os outros esperam a sua vez.

Rainha:—Que dia lindo! E todos parecem tão felizes.

Rei:—Sendo hoje o dia de julgamento, haverá por ventura algum caso a ser apresentado?

Ministro Real:—Magestade, peço a palavra. Os guardas reais prenderam Arí

de Campos porque o encontraram às dez e meia horas da noite, passeando pelos jardins do palácio.

Eu o acuso, pois, de haver transgredido o regulamento referente à hora de se deitar e ainda outros regulamentos da Terra da Saúde.

Rei:—A acusação é grave. Tragam o prisioneiro.

Ministro (aos guardas) — Façam-no entrar.

(*Arí de Campos, escoltado pelo Capitão e quatro guardas, entra e ajoelha-se diante do trono. O rei contempla-o*).

Primeira menina:—Que menino visto-so!

Segunda menina:—E' mesmo, mas não se esqueça de que êle quebrou a Lei.

Primeira menina:—Sabe? Também eu bem que gostaria de ficar acordada até tarde.

Segunda menina:—Ah! Você havia de se arrepender, pois essas horas são preciosas para o sono.

Rei:—*Arí de Campos*, que me dizes a isto?

Arí:—O' Magestade, não sou um menino mau e peço-lhe clemência, embora tenha eu transgredido algumas leis da saúde.

Rainha: — Ouçamos mais a respeito dêste rapazinho, antes de sentenciá-lo. Vejamos o que se pode fazer.

Rei:—(ao ministro real) — Começemos o julgamento. Que venham as testemunhas (ao menino). Pode sentar-se.

Ministro real: — Chamarei em primeiro lugar o snr. Relógio.

Relógio:—Magestade, manda o regulamento que tôdas as crianças, meninos e meninas, estejam na cama às 8 hrs., mas quando os meus ponteiros marcam essa hora, é muito raro *Arí* obedecer. Acuso-o pois, de ter quebrado êsse regulamento.

Ministro:—Chamarei agora o snr. Banho.

Banho:—Magestade, lamento ver-me obrigado a relatar que o prisioneiro, na semana passada, por três vezes se esqueceu de lavar as mãos antes das refeições. Além disso, quando toma banho, não lava bem as orelhas, nem o pescoço. E, o pior é que na semana passada não tomou nem um banho geral! Como sabemos, a limpeza é uma das primeiras leis para a saúde e deve ser escrupulosamente observada.

Ministro: — Tem a palavra a snra. Veneziana.

Veneziana: — Magestade, um exame cuidadoso nos hábitos de *Arí* prova que ultimamente tem dormido com a janela fechada. Assim não pode continuar, pois nosso regulamento é bem explícito acerca do modo de dormir; com a janela aberta ou então com venezianas.

Ministro: — Mais uma testemunha, Dona Escova de Dentes, cuja acusação é bem grave.

Escova: — E' com pesar que denuncio o relaxamento do snr. *Arí de Campos*.

Descuida por completo dos seus dentes, que, se não fôssem muito fortes, já estariam cariados. E' preciso escová-los diá-



riamente, muito bem, cuidando de tirar tôdas as redúvias antes de ir para a cama.

Ministro: — Magestade, estas são as acusações. Depois dêste depoimento, bem vê como o prisioneiro é cúmplice.

Rei:—Então, rapaz, que tens a dizer em tua defesa?

Arí:—Infelizmente, Magestade,, nada tenho a dizer em minha defesa. Reconheço que sou culpado. No entanto, peço clemência.

Rei:—Resta-me, pois...

Rainha: — Um momento, Magestade, antes de pronunciar a sentença. Ouvimos um lado apenas. Talvez o rapazinho tenha amigos que falem em seu favor, provando ser êle um bom cidadão da Terra da Saúde, a-pesar-destas tristes acusações.

Rei:—E' de justiça. Haverá alguma testemunha em seu favor?

(*Ouvem-se do palco, vozes: "Sim, nós depomos". (Aparecem as meninas Raios do Sol, pulando e uma delas diz):*

— Sua Magestade, *Arí de Campos* é nosso amigo e brinca tôdas as manhãs conosco. Nós, raios de sol, damos-lhe essa côr tão bonita em troca de sua companhia.

Snr. Pão e dona Manteiga:—Pedimos a palavra, Magestade, para lhe contar que *Arí* é um bom amigo nosso e come bastante pão com manteiga.

Snra. Posição (entra e faz a reverência): Magestade, devo também fazer o meu depoimento em favor dêste prisioneiro, afirmando ser êle um dos meus melhores exemplos da boa posição, conservando-a quer de pé, sentado ou andando.

Dona Cenoura:—Magestades, peço-lhes ouvir as palavras destes vegetais que me acompanham.

Vegetais:—Eu, a cenoura,
Eu, a beterraba,
Eu, a batata,
Eu, o tomate,
Eu, o espinafre,
Eu, a alface,
Eu o agrião.

Todos nós aqui estamos porque Arí de Campos é nosso amigo, sabe o quanto valemos para a sua saúde e de suas refeições, pelo menos um de nós, sempre faz parte. (*Dão as mãos, formando um círculo* getais, prometemos, pois diante de Sua Magestade, o rei, e de Sua Magestade, a rainha, conservá-lo forte durante todo este ano. (*Inclinam-se e retiram-se*).

Snr. Leite:—Magestade, não pude deixar de dizer uma palavra em favor deste menino Arí. Ele é muito meu amigo e não passa sem mim. Três vezes por dia toma uma boa xícara de leite com café. Prova é que é sadio, tem dentes fortes e ossos resistentes e bem desenvolvidos.

Frutas: (*Entram os três juntos*).

Mamão:—Apressamo-nos em dizer uma palavra em favor de Arí.

Laranja:—Laranja em jejum, banana no recreio, mamão às refeições, abacate quando é tempo, temos sempre um lugarzinho em seu cardápio.

Banana: — Nós as frutas nunca somos por ele esquecidas.

Cereais:—Sua Magestade, tenho prazer em relatar que o menino Arí já nos é muito familiar e querido, em virtude

de, tôdas as manhãs, comer um de nós. Ele não vai à escola sem primeiro comer um prato de mingau de aveia, de fubá ou de farinha preta (trigo integral).

Dona Água:—Magestade, quatro copos de água filtrada no mínimo, são diariamente bebidos pelo menino Arí, muito meu amigo. Gosto dêle porque só bebe água pura.

Snr. Equilíbrio:—Magestade, cumpre-me dizer-lhe que este menino, Arí de Campos, tem-se esforçado tanto nos estudos como nos esportes e vem dando provas de bom aproveitamento. Cuidadoso no comer e no vestir, apresenta saúde respeitável, bom humor, bons sentimentos. E' um menino bem equilibrado e que merece a atenção de Sua Magestade.

Rei:—Mais alguém quer ter a palavra, contra Arí de Campos ou a seu favor? (*Pausa*).

Levante-se o acusado. (*Arí fica de pé*). Rapaz, as acusações apresentadas são bastante graves. Diante, porém, das palavras destes que vieram em tua defesa, estou resolvido a dar-te mais uma oportunidade para te emendares, se me prometes obediência estrita a tôdas as leis da Terra da Saúde.

Arí:—O' rei, confesso-me profundamente reconhecido por tanta bondade e prometo-lhe daqui por diante obedecer a todos os regulamentos desta boa terra, por menor que seja êle.

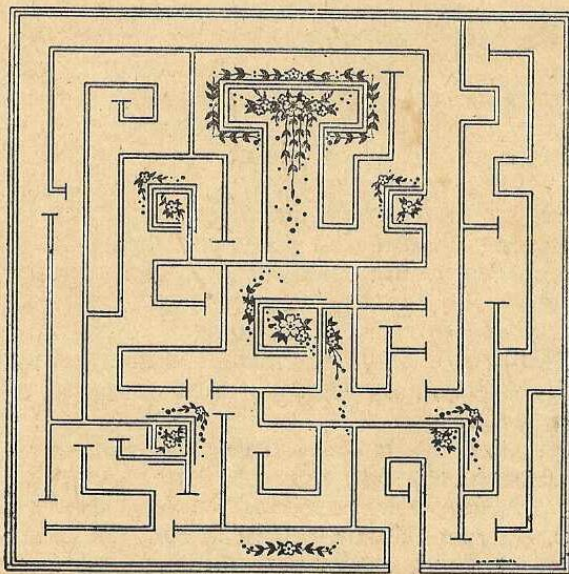
Rei Alegria:—Bem sei, Arí, que tuas palavras merecem crédito: Dou-te a liberdade.

Podes ir e sê feliz.

Cai o pano.



Procurem o caminho
que os leva até o fim,
sem passar por cima
de nenhum risco.



Brasileiros Ilustres

● GENERAL RONDON ●

Cândido Mariano da Silva *Rondon* nasceu órfão de pai, no lugar denominado *Mimoso*, nas cercanias de *Cuiabá*, no dia 5 de maio de 1865. Aos dois anos perdeu a mãe, ficando aos cuidados de seu avô em cuja companhia aprendeu a ler; depois foi enviado ao seu tio paterno e tutor Manuel da Silva Rondon, em *Cuiabá*.

Em *Cuiabá* Rondon matriculou-se no Liceu, obtendo aos 16 anos o diploma de professor público. Por falta de recursos para continuar os estudos, assentou praça em novembro de 1881, visando matricular-se na Escola Militar. Não tendo obtido matrícula no ano seguinte, foi pelas suas habilitações nomeado amanuense do quartel Mestre General; aproveitando as folgas para fazer exame na Instrução Pública, matriculou-se na Escola Militar do Rio de Janeiro em 1883. Três anos depois foi nomeado alferes aluno e em 1889 concluiu o curso, após a proclamação da República em que tomou parte como legionário da Escola. Recebeu o grau de bacharel em matemática, ciências físicas e naturais em 1890 e foi promovido nesse mesmo ano a 2.º e 1.º tenente.

Nomeado ajudante da Comissão de linhas telegráficas de *Cuiabá* ao *Araguaia*, comissão chefiada pelo então Coronel Gomes Carneiro, meses depois Rondon fez a primeira travessia dessas regiões e foi o único expedicionário que a levou a termo.

No decurso desses trabalhos B. Constant, seu mestre e grande apreciador, nomeou-o substituto duma cadeira de matemática da Escola Militar, cadeira que, cumulativamente à de astronomia, veio a reger mais tarde terminada a sua primeira missão.

Em 1892, acentuando-se as suas crenças positivistas, pediu demissão do cargo de professor, por lhe parecer função incompatível com as regras que lhe prescrevia a sua crença.

Rondon foi nomeado chefe do distrito telegráfico de Mato Grosso, com 100 léguas de sertão e encarregado da conservação da linha de *Cuiabá* ao *Araguaia*, linha na qual havia colaborado em 1890.

Rondon fez notáveis melhoramentos nas linhas e construiu casas para os seus funcionários que até então estavam muito mal alojados em ranchos de sapé.

Foi graduado no posto de capitão em setembro de 1892.

Em Abril de 1893 foi chamado pelo Marechal *Floriano Peixoto* que o encarregou

da construção duma estrada estratégica ligando *Cuiabá* ao *Araguaia* com inúmeras obras de arte indispensáveis.

Rondon meteu mãos à obra. Esses trabalhos foram, porém, suspensos em começo de 1894 pelo governo *Prudente de Moraes*.

Rondon foi enviado novamente para o seu distrito telegráfico, apenas com a verba destinada à conservação da linha mas, o enérgico engenheiro executou, com milagres de economia, a reconstrução da linha interrompida.

Em 1898 Rondon regressou ao Rio e foi nomeado auxiliar técnico da Intendência da Guerra.

Em 1900 partiu novamente para Mato Grosso como chefe da construção de uma linha telegráfica de *Cuiabá* a *Corumbá* com ramificações para *Aquidauana* e Forte Coimbra; essa obra era de difficilissima execução em virtude de inúmeros trechos de *Ígapó* que tornam impraticável grande parte da região. Era difficil colocar os postes com segurança. A-pesar da escassez dos recursos, agravada por tropeços de toda sorte, *Rondon* levou a bom termo a missão e, a primeiro de janeiro de 1904, era inaugurada a linha telegráfica.

Em 1903 Rondon era promovido a major. O Governo resolveu prolongar a linha do sul do estado, levando o telégrafo a Nioac, Miranda, Pôrto Murtinho, Margarida, e Bela Vista na fronteira do Paraguai. Em 1906 Rondon concluiu essa nova missão. Rondon fizera importantes explorações que tornaram conhecidas regiões vastíssimas e determinou posições geográficas. Rondon travou conhecimento com inúmeras tribus, cuja amizade conquistou pelo seu trato ameno.

O presidente Afonso Pena deu a Rondon o encargo da nova missão; era a de construir a linha tronco de Mato Grosso ao vale do rio Madeira, para depois a levar ao *Acre*, ao *Perús* e *Juruá* como também a *Manáos*. Rondon elaborou com o Ministro Calmon as instruções públicas no Diário Oficial de maio de 1907.

Grande era o acervo de serviços, explorações geológicas, geográficas, botânicas e mineralógicas a efetuar; posições a determinar mediante coordenadas; tribus a conquistar, e tudo num terreno asperíssimo que dificultava sobremaneira.

Muitos profissionais julgavam o trabalho impraticável.

Rondon começou os trabalhos em 1907 e terminou em 1910 com a saída da Comissão nas águas do Madeira.

Os trabalhos de abertura do *Sertão* do extremo Noroeste de *Mato Grosso* compreenderam os trabalhos de reconhecimento e determinações geográficas, do estudo das riquezas minerais, da constituição do solo, do clima, das florestas, e dos rios, acompanhando os trabalhos da construção da linha telegráfica, do traçado de estradas de penetração, do lançamento de fundações de futuros centros populosos, de instalações das primeiras lavouras, dos primeiros núcleos de criação do gado.

Graças aos esforços de exclusiva iniciativa do benemérito sertanista, graças à sua coragem moral e à inquebrantável firmeza de seu carácter, que o sustentaram no caminho aberto por uma concepção nova e original desses problemas e do modo de os resolver, na conquista do Noroeste, graças a estas qualidades não se tiveram de lamentar as cenas bárbaras, ultrajantes da nossa civilização, de que foram teatro outros sertões do Brasil; muitas vezes os que se dizem civilizados penetraram e se estabeleceram, de armas em punho, matando e exterminando as respectivas populações indígenas.

Ao contrário de tudo quanto até agora se havia feito e visto fazer fóra e dentro do Brasil, para se conseguir a ocupação de regiões bravias, assistimos ao espetáculo inédito do Coronel *Rondon* entregar à *Patria* um território ainda desconhecido, mas também toda a população que nele existia, já mansamente afeiçoada à nossa gente e preparada para receber as modificações dos nossos usos e costumes, da nossa vida e da nossa indústria.

Foi o general *Rondon* quem conseguiu que o governo brasileiro se interessasse pelos pobres selvícolas vítimas da ganância dos usurpadores de suas terras, o serviço de proteção oficial consistia em fundar 35 estabelecimentos, uns agrícolas,

outros pastorís onde os filhos dos nossos selvícolas pudessem aprender a nossa linguagem e os preceitos de higiene e alimentação.

Essa obra de proteção, teve o aplauso de todos os povos civilizados que se ocupam da questão; e o Brasil foi muito elogiado por esse motivo.

Por ocasião do centenário da nossa Independência o "*National Geographic Magazine*", citado pelo *Brasilean American*, número comemorativo do Centenário, escrevia: "Durante 33 anos o General *Rondon* trabalhou no longínquo sertão... Mas, o seu serviço mais meritório é, sem dúvida, o que ele realizou como Diretor do Serviço de Proteção aos Índios do *Brasil*, cargo no qual a sua política de não hostilizar os selvícolas nem em represália, e de usar com eles de brandura, granjeou a sua amizade, preservou a sua civilização e constituiu o que se pôde chamar "a maior conservação de aborígenes realizada no Novo Mundo de nossos dias".

A Sociedade de Geografia de Nova York incluiu o nome de *Rondon* entre os nomes de seus sócios honorários.

Infelizmente, enquanto no estrangeiro a obra de *Rondon* era apreciada a seu justo valor, havia inúmeros brasileiros que eram contra a obra de proteção e clamavam contra essa despesa feita, tão justamente, pelo governo.

Com a revolução de 30, depois do governo do Dr. W. Luiz P. de Sousa, cessou o auxílio do governo e, cortada a verba, foi preciso parar com as escolas e as oficinas onde os selvícolas aprendiam. O general *Rondon* não perdeu a esperança e agora o presidente Getúlio Vargas deu ordem para que a obra de proteção continuasse.

Façamos votos sinceros para que o general *Rondon* tenha saúde afim de continuar sua obra altamente patriótica.

★ BRINQUEDOS E JOGOS CORRIDA DE CASCAS DE OVO

Arranjam-se primeiramente três ovos vazios, tendo o cuidado de tirar a clara e a gema por um buraco bem pequenino.

Colocam-se as cascas numa linha riscada no chão, e no momento em que o dirigente disser *Pronto*, as três pessoas escolhidas começam a assoprar o ovo para levá-lo à linha marcada na outra extremidade da sala. Não podem tocar nelas a não ser que enrosquem em algum lugar. Quem chegar primeiro, será o vencedor.



— Ora, Francisco, chega de trabalhar. Já é noitinha e bem vejo como está cansado! Venha comer alguma coisa.

Assim dizia Marina ao irmão que, arcado sobre o serviço, parecia não pretender parar logo. Ele era o filho mais velho e desde que lhes morrera o pai, a vida se lhes tornou difícil, pois muitas dívidas ficaram em virtude de sua longa enfermidade. Em boa hora Francisco aprendera com ele o ofício de sapateiro, eis porque o encontramos sentado em seu banquinho, trabalhando enérgicamente para terminar um par de sapatos.

— E' verdade, Marina, precisava descansar um pouco, mas como? Prometi este calçado para amanhã às 10 horas e sei que o pagamento será feito assim que o entregar. E você vê, não temos em casa nem um vintem.

— E' mesmo, suspirou a irmã. Ah! Se papai estivesse vivo, talvez ainda você visse realizado o seu sonho de ser sapateiro do rei.

— Já nem penso mais nisso. Mas é bom mudarmos de assunto, pois daqui a pouco deve chegar mamãe e não quero que ela nos encontre com tais preocupações.

— Sabe, Marina, continuou ele com ar misterioso, tenho um segredo, mas só se você prometer...

— Prometo sim, não digo nada a ninguém, palavra de honra.

E o irmão se desabafou:

— Você se lembra daquela fazenda dourada que há muito tempo um mascate deu ao papai em troca de hospedagem?

— Sei, está guardada na canastra da mamãe. Às vezes eu a vejo. E' tão linda que parece ter sido feita por fadas.

— Pois é. Tive uma idéia. Pensei em fazer um par de chinelos à Princesa, que deve estar amanhã em nossa cidade para assistir às festas da inauguração da grande Ponte. Até já lhe escrevi uma carta, eu mesmo, —

imagine só que coragem — perguntando se ela os aceitava.

— Ah! Francisco, se você conseguisse isso, seria depois um Sapateiro Real e então não lhe faltaria trabalho bem pago e não nos faltaria dinheiro e mamãe poderia deixar de trabalhar na fábrica! Que beleza! Que felicidade!

— Pois foi isso tudo o que pensei ao lhe escrever a carta. Ah! Se ela pelo menos nos viesse ver!

— Eu gostaria tanto de vê-la, pois nunca ví nenhuma princesa. Dizem que esta é criança ainda e muito bonita.

Nesse instante batem à porta. E' a mãe que chega, cansada, tendo ao ombro um chale e usando ainda o avental.

Marina apressa-se a servir-lhe a sopa, mas a mãe recusa comer. Está com muita pressa.

— Mas a senhora não come nada?

— Não, meus filhos, não dá tempo. Vou ajudar d. Teresa, terminar um vestido para amanhã e ela me vai pagar bem. Vim apenas buscar a chave. Vocês cuidem bem da casa, que antes de onze horas estarei de volta.

E a mãe saiu sem mais demora.

— Mamãe é como você, Francisco, não pára.

— Você também não pára, Marina, está sempre trabalhando.

E Francisco voltou ao quarto de trabalho, pois o tempo era pouco para terminar o calçado. Mas de repente, aparece a irmã, um tanto assustada e lhe pergunta:

— Francisco, amanhã não é dia vinte?

— E'. Por que?

— Aniversário da mamãe! Você não se lembrava, não? Eh! Não lhe arranjamos nem um presentinho!

— E' verdade. Como é que fomos esquecer?

— Olhe, Francisco, você faz esta noite uns chinelos para ela, coitada. Dá tempo? Eu lhe faço companhia.

— Tempo dá, mas não tenho com que. Não temos nem um pedaço de couro e nem dinheiro para comprar. Só se...

— O que?

— Só se fizer com aquela fazenda dourada.

— Ótimo! E a Princesa?

— Das duas, uma. Mamãe nos é mais querida que a Princesa, não acha?

— Nem se pergunta! Corte, então, quanto antes. Quer que eu ajude em alguma coisa?

— Não. Sabe o que eu quero? Que você me traga aqui na oficina uma chícara de café com pão.

— Com muito gosto.

Francisco começou, sem perda de tempo, a cortar os chinelos para a mãe e Marina foi à cozinha. Dalí a pouco, porém, ouve bater à porta. Indo abrir, pergunta antes “quem é”, pois já eram nove horas da noite.

— E’ a Princesa, foi a resposta.

Marina apressa-se em abrir a porta e fica boquiaberta ao ver entrar a Princesa, menina um pouco mais velha que ela, muito bem trajada e meiga.

— E’ aquí que mora o sapateiro Francisco e sua irmã Marina? Recebí sua carta, oferecendo-se para me fazer um par de chinelos, de um material tão lindo como nunca eu havia visto.

— Ah! Sim! E’ a fazenda dourada. E’ linda mesmo. Deixe-me chamar meu irmão.

Dalí a pouco entra Francisco e inclina-se respeitosamente ante a Princesa. Ela o cumprimenta com familiaridade e procura saber a razão de haver êle escrito aquela carta, mostrando seu prazer e desejo mesmo de possuir os chinelos que até se lhe afiguravam mágicos.

— Sua Alteza, principia êle, meu pai morreu e somos pobres. Gostaria de me tornar um sapateiro da Côrte pois sei que assim não me faltaria trabalho bem remunerado e eu teria com que sustentar minha mãe e minha irmã.

— Bons sentimentos êsses; pois vim justamente aquí para encomendar-lhe os chinelos.

Os irmãos entreolharam-se.

— Sua Alteza, tornou o mocinho, já não posso, sinto muito. Os chinelos foram cortados para outra pessoa.

— Para outra? Que me diz?

Marina intervém:

— Sua Alteza, por caridade, não se zangue. Desejavamos sinceramente presenteá-la com a fazenda dourada. Mas amanhã mamãe faz anos e só agorinha há pouco é que nos lembrámos. Não possuindo nada, exceto aquele pano, resolvemos surpreendê-la com um par de chinelos macios.

— Então foi para ela, para sua mãe, que cortaram?

— Sua Alteza, disse Francisco, eu não podia faltar com a mamãe, que faz anos amanhã e lancei mão daquele material, por não ter outro.

Ao ouvir tal resposta, dada com tanta sinceridade, a Princesa se levantou, comovida, dizendo:

— Bem, Francisco, não faz mal. Desejo que sua mãe passe bem contente o seu aniversário. Dê-lhe isto como um presentinho meu.

E entregou-lhe uma moeda.

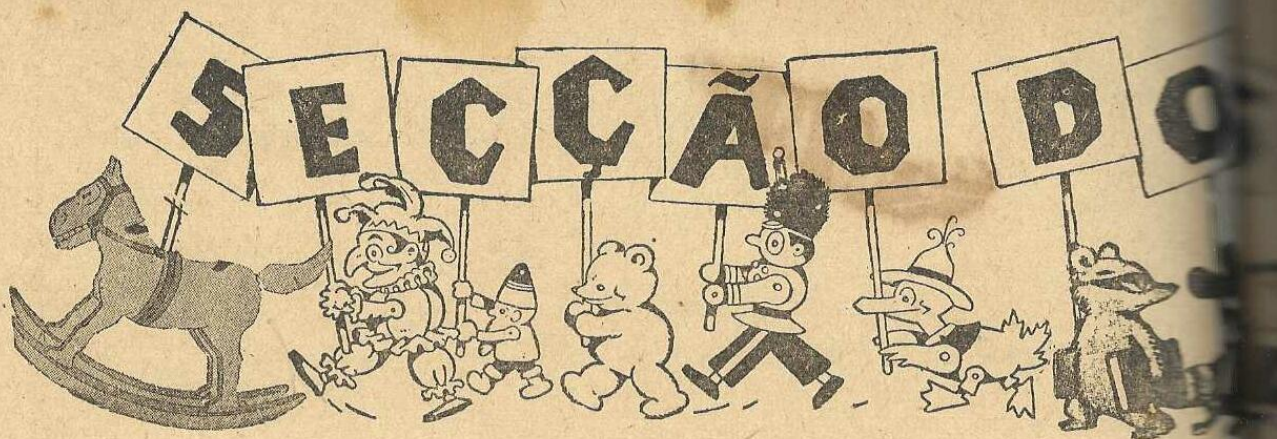
— Oh! Alteza! Não merecemos tão grande dádiva, inda mais que não pude satisfazer-lhe o gosto.

— Aquele que tem um coração amoroso para com sua mãe, é digno de meu aprêço. Sempre estimei os bons filhos e alegre-me em saber que você, Francisco, colocou sua mãe acima de uma princesa. Bem, meus amiguinhos, a carruagem me espera à porta e devo retirar-me. Boa noite. Sejam felizes.

No dia seguinte, para completar a alegria daqueles corações e para que a mãe passasse um aniversário verdadeiramente feliz, bateu à porta um mensageiro da princesa com o seguinte recado:

“Francisco, realmente sensibilizada com a prova de seu grande amor filial, resolveu providenciar para que você, sua mãe e sua irmã tenham um futuro assegurado e uma vida menos trabalhosa.

PRINCESA.”



A família Carvalho foi passar as férias no campo onde ergueram uma tenda. Dias inesquecíveis êsses! Papai pescava, mamãe preparava os peixes e as crianças ajudavam a pescar, a preparar e também a comer os peixes.

Ao fim de dois meses voltaram à cidade; deixaram o fogãozinho que tanto lhes serviu e, por esquecimento, um papel de alfinetes, um pente e uma fita com que a menina amarrava suas tranças.

Mas estas coisas não ficaram perdidas. O primeiro a encontrá-las foi um papagaio.

“Eh! Eh! Que será isto?” pensou êle.

Desconhecendo a utilidade do fogão, do pente e dos alfinetes, pegou apenas na fita e amarrrou-a ao pescoço. Achou-se bonito com ela e seguiu vaidoso. Pouco havia andado quando encontrou uma porção de fadazinhas — eram lindas borboletas.

— Como você está lindo! disseram. Onde encontrou essa fita azul, tão bonita?

— Debaixo de uma árvore, lá no campo.

— Ainda há mais?

— Não, respondeu o papagaio. Mas há outras coisas lá que não sei para que servem.

As borboletas voaram rápidas, olhando aquí e alí. Encontraram sem demora a árvore indicada, pois eram muitas a procurar. Examinaram o fogão e o pente. Para que serviriam

TUDO DI

aquelas coisas? Remexeram mais e deram com o papel de alfinetes.

— Ótimo! exclamaram.

Que porção de espadas brilhantes! Vamos levá-las conosco e estaremos preparadas a enfrentar tudo.

Isto dizendo, cada borboleta pegou um alfinete e, pondo-o em sua cinturinha, voltaram contentíssimas. Iam orgulhosas. Um sapo viu-as, tão brilhantes, que, curioso exclamou:

— Que lindas estão! Onde arranjaram espadas tão brilhantes assim?

— Debaixo de umas árvores, responderam as fadazinhas.

— Há mais algumas para mim?

— Não, responderam. Ficámos com as espadas; o papagaio pegou o laço de fita azul. No entanto, as outras coisas não sabemos para que servem, nem o que são.

O sapo, pulando, pulando, olhando aquí e alí, não sossegou enquanto não descobriu a árvore que abrigava tais preciosidades. Vendo o fogão, não ligou a êle nenhuma importância. Mas, ao dar com o pente, soltou uma exclamação de alegria:

— Que cêrca esplêndida! Vou pô-la na frente de minha casa; assim as baratas e besouros não entrarão mais em casa.

Abocanhando o pente pela ponta,



TRIBUIDO

foi levando-o através do campo. Era pesado e demorou muito a chegar; afinal, colocou-o na frente bem direitinho e sentou-se para descansar. Dalí a pouco um bando de côrvos passou.

— Que cêrca esplêndida! exclamaram. Onde a encontrou?

— Lá longe, debaixo duma árvore.

— Ficaram ainda outras? perguntaram os pássaros, um tanto invejosos.

— Não, não. O papagaio pegou o laço de fita azul. As fadazinhas, as espadas brilhantes. Eu fiquei com esta boa cêrca, mas ainda há uma coisa lá, cuja serventia desconheço.

Os corvos voaram, sem mais ouvir e encontraram facilmente o lugar.

— Que casa magnífica! exclamaram ao ver o fogão. Vamos levá-la.

E todos êles agarraram-no com o bico e o mais velho contou: "Um, dois, três, voem!" Bateram as asas, mas o pêso era muito e não puderam movê-lo. Então os corvos chamaram um macaco para levar-lhes o esplêndido achado, mediante preço combinado — um cacho de bananas.

Os corvos fizeram ninho no fôrno e usaram-no também como guarda-comida e diziam constantemente:

"Que boa casa! Nunca tivemos uma assim."

Nas férias seguintes, a família Carvalho voltou ao campo.

— Eh! Que é de nossas coisas? Alguém tirou! Quem será?

Tais eram as exclamações.

Um dia uma das crianças veio correndo.

— Mamãe, mamãe!

A mãe até se assustou, pensando ter acontecido alguma coisa.

— Que é?

— Sabe, mamãe, nosso pente eu vi lá longe.

As crianças foram correndo, ver onde estava.

Ao se aproximarem deram com o sapão, de sentinela. Não se atreveram a pegá-lo, pois o sapo parecia ter desconfiado de alguma coisa. Entretanto as crianças não lhe iam fazer nada.

— O' sapinho, disse meigamente a menina. Que cêrca linda, você arranjou!

— Linda mesmo. O papagaio pegou o laço de fita azul, as borboletas levaram as espadas brilhantes, eu fiquei com a cêrca e os corvos deviam ter carregado aquela outra coisa que não sei o que era. Estava tudo debaixo duma árvore. Vão vocês também ver se encontram alguma preciosidade.

As crianças, de olhos arregalados, ouvindo aquele relatório, correram a contar à mamãe como foram distribuídas as suas coisas.



Página dos Pais

QUE DEVEM NOSSOS FILHOS LER?

Emília Soares de Sousa
Copyright de SPES de S. Paulo

Caminhamos com passos gigantescos para a anarquia, para o desentendimento, para a confusão geral.

Hoje, com o rádio, o cinema e a imprensa, assistimos estarecidos ao desenrolar de mais um cateclismo na Europa.

E quando sabemos que o Lar, a Escola e outros meios educativos, concorrem tanto para formar o caráter moral e cívico de um povo, devemos meditar e acompanhar com carinho e desvêlo, a educação intelectual e psicológica da criança.

Aos pais cabe a responsabilidade da formação e do aperfeiçoamento da alma infantil; e aos mestres, o desenvolvimento intelectual.

No entanto, quantos pais, erradamente, mandam seus filhos muito cedo à escola, afim de se livrarem dêles!

Pais existem que nem sabem quais as leituras e as fitas cinematográficas assistidas e preferidas pelos seus filhos.

Se fizéssemos um estudo sôbre as preferências das crianças de hoje, quer para leituras, quer para cinema, teríamos uma porcentagem de 90 % ou mais, que recairia nos "contos policiais", que inundam a literatura infantil e nas fitas em que "o grupo de bandidos prende a mocinha", à espera que surja o "mocinho" a dar sôcos e murros e acabar por salvá-la".

Daí, sua imaginação excitada por tais leituras e films cheios de fatos inverosímeis, vai-se desenvolvendo prejudicialmente, deixando-as inaptas para os deveres práticos e necessários da vida.

Essas leituras deveriam ser afastadas das crianças, pelo fato de aguçar, cada vez mais, a imaginação e a curiosidade,

fazendo com que, muito cedo ainda, percam o encanto da inocência.

Costumamos ouvir muito de nossos pais e avós: — "As crianças de hoje não têm meninice!"

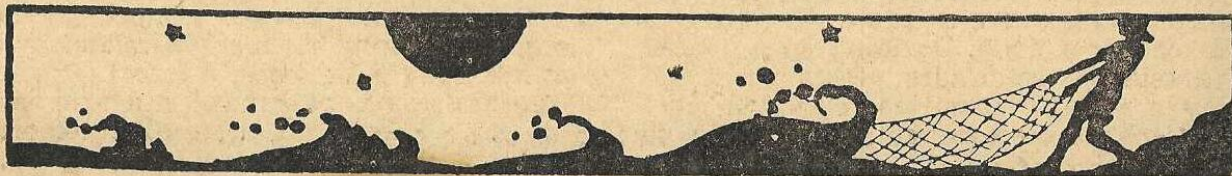
Ao que muitos retrucam, desculpando-se: — "E' próprio da evolução do tempo. Hoje há mais instrução que antigamente..."

Em parte, têm razão; porém, a educação dos filhos, a formação de uma alma sadia constitue responsabilidade que muitos pais e, principalmente, muitas mães não compreendem, não procuram e não querem compreender, porque o seu egoísmo e a sua futilidade são mais fortes e mais poderosos que seu instinto maternal. Pais assim, não deveriam ter filhos.

Por que não procurar entre tantas obras de literatura infantil, as encantadoras histórias da "Branca de Neve", do "Mágico do Oz", das "Mil e uma noites", "A Menina do Narizinho arrebitado", e tantos outros livros bons e instrutivos que andam por aí?

Por que não acompanhar com mais interesse e amor, o desenvolvimento físico, moral e intelectual da criança, ministrando-lhe bons exemplos e acertados conselhos, a par de uma leitura sã e amena?

Pais, não se esqueçam de que perante Deus, ou, perante a própria consciência, são os responsáveis pela educação de seus filhos! Façam com que êles, ao deixar a casa paterna, sejam portadores de um coração puro e virtuoso, onde existam realmente a fé religiosa e o amor à Pátria e à Família — bases da felicidade individual e do progresso coletivo.



O Maravilhoso Mágico de Oz

CAPÍTULO XII

NOS DOMÍNIOS DA BRUXA DO OCIDENTE

O Soldado de Barba Verde conduziu-os pelas ruas da cidade das Esmeraldas, até chegarem à sala onde morava o Guarda Porta. Este funcionário abriu as fechaduras dos óculos dos viajantes e guardou-os na grande caixa. Em seguida, com toda a amabilidade, abriu a porta para os nossos amigos passarem.

— Que estrada havemos de seguir para ir ao palácio da Bruxa do Ocidente? perguntou Dorita.

— Não há estrada porque ninguém se atreve a ir lá, respondeu o Guarda da Porta.

— Então como havemos de achar a Bruxa? indagou a menina.

— E' facil, tornou o homem. Logo que ela souber que vocês estão no País dos Vinikianos, mandará prendê-los, fazendo-os seus escravos...

— Talvez não suceda assim, atalhou o Espantalho. Nós é que vamos lá para matá-la.

— Ah, então o caso é outro! disse o Guarda das Portas. Como nunca ninguém a matou, pensei, como era natural, que ela os escravizaria como fez a muita gente. Vejam lá, cuidado, hein! Ela é má, é ruim como cobra. E' bem possível que não consigam matá-la. Enfim... sigam sempre para o Ocidente, onde o sol se põe. Não poderão deixar de encontrá-la.

Agradecendo ao guarda essas informações, despediram-se dêle.

Principiaram, então, sua viagem, em direção do ocidente, através dos vastos campos da relva macia, salpicados de florezinhas variadas. Dorita estava ainda com o lindo vestido de seda que usara no palácio, mas reparou agora, com grande espanto, que já não era verde, mas inteirinho branco. A fita verde, no pescoço de Totó, também se tornara tão alva como o vestido de Dorita.

Em breve a cidade das Esmeraldas perdeu-se de vista. À medida que avançavam, o caminho se tonava mais áspero e escabroso. Neste país do Ocidente não havia casas nem terra cultivada.

De tarde, o sol abrasador batia em cheio nos rostos dos viajantes, pois não havia árvores que os protegessem. Antes de chegar a noite, Dorita, Totó e o Leão já estavam esfalfados. Deitaram-se sobre a relva e dormiram imediatamente. O Lenhador e o Espantalho ficaram de sentinela.

Ora, a Bruxa malvada do Ocidente tinha só um olho, mas êsse valia mil. Parecia um telescópio: enxergava tudo, tudo. Estando sentada à porta do seu castelo, aconteceu lançar as suas vistas ao redor e ver Dorita, dormindo, rodeada pelos seus amigos.

Estavam muito distantes da Bruxa, mas mesmo assim, ela ficou furiosa ao ver que atravessavam, com tanta ousadia os seus domínios. Apitou um assobio de prata que trazia pendurado ao pescoço.

Imediatamente apareceram de todos os lados uma enorme quantidade de lobos. Tinham pernas compridas, olhos faiscantes e dentes afiados.

— Estão vendo aquela gente deitada? Corram para lá e despedacem êsses atrevidos!

— Não os quer escravizar? perguntou o chefe dos lobos.

— Não, respondeu ela, um é de latão, outro é de palha, o terceiro um leão e o último, uma menina. Nenhum dêles presta para trabalhar. Podem reduzi-los a frangalhos.

— Com todo o prazer! disse o lobo.

Isto dizendo, partiu, numa carreira desabalada, seguido pelos outros.

Felizmente o Espantalho e o Lenhador de Latão estavam alertas e perceberam a aproximação dos lobos.

— Deixe-os por minha conta, disse o Lenhador ao Espantalho. Fique atrás de mim que eu darei cabo dêsses malandros.

Pegou o machado, afiado que era uma beleza, e, quando o chefe dos lobos chegou, zás... com um golpe certo degolou-o. O bicho estrebuchou e esticou as canelas. Teve apenas tempo de levantar o machado outra vez e já o segundo lobo rolava ensanguentado aos seus pés. Havia quarenta lobos e quarenta vezes o Lenhador repetiu a dóse, dando a mesma sorte a todos.

Cheio de si, o Lenhador de Latão pôs o machado no chão e, satisfeito com a façanha, sentou-se ao lado do Espantalho.

— Sim, senhor, disse o Espantalho; toque aquí nestes ossos!

Dorita só acordou ao romper do dia seguinte. Ficou assombrada quando viu aquele montão de lobos, mas o Lenhador logo acalmou-a, narrando-lhe a aventura da noite. Dorita agradeceu-lhe comovida ante tanta coragem e bondade. Sen-



tou-se para almoçar e em seguida puseram-se outra vez a caminho.

Pela manhã, a Bruxa do Ocidente chegou à porta do seu castelo para revistar suas terras com aquele olho único que via a grande distância. Viu todos os lobos mortos e os estrangeiros que continuavam a atravessar seus domínios. Desta vez ela *subiu a serra!* Apitou duas vezes no seu assobio.

No mesmo instante, uma nuvem de corvos selvagens veio voando para o castelo. A Bruxa disse ao rei dos corvos.

— Võem imediatamente para onde estão aqueles estrangeiros, arranquem-lhes os olhos e despedacem-nos a todos.

Os corvos voaram, num bando, ao encontro de Dorita e seus companheiros. Quando a menina os viu aproximar, ficou tremendo de medo mas o Espantalho disse:

— Desta vez é comigo que eles têm de ajustar as contas! Deitem-se ao meu lado; quero só vêr quem se atreve a aproximar-se!...

Deitaram-se todos no chão menos o Espantalho. Quando os corvos vinham chegando perto, levantou os braços e deu um grito. Que susto eles levaram? Fugiram e não tiveram mais coragem de chegar perto d'ele. Porém, o rei dos corvos coçou a cabeça, desconfiado, e disse:

— Ah! Tu não me enganas, não!

Assim dizendo, voou para a cara do Espantalho, mas nisto, ...*nhocete!* O Espantalho pegou-o pela cabeça e torceu-lhe o pescoço. Um segundo corvo quis vingar o chefe, mas o Espantalho é que não estava disposto e deu-lhe o mesmo fim. Havia quarenta corvos e a todos o Espantalho torceu o pescoço, de modo que ficou ao seu lado aquele despropósito de corvos mortos. Chamou, então, seus companheiros e convidou-os a continuar a viagem.

Quando a Bruxa malvada olhou novamente para os campos e viu o monte preto dos seus corpos estrangulados, teve um acesso de fúria e apitou três vezes no seu assobio de prata.

Imediatamente um forte zumbido encheu os ares e um enxame de abelhas surgiu à frente da Bruxa.

— Võem depressa, cáiam em cima daqueles estrangeiros e dêem-lhes ferroadas até morrerem, ordenou ela.

As abelhas voaram rapidamente ao encontro de Dorita e seus companheiros, que continuavam a caminhar. O Lenhador de Latão que não cochilava, viu-as aproximarem-se e combinou um plano com o Espantalho.

— Tire a palha que me enche e cubra com ela a menina, o cachorro e o Leão, disse o Espantalho ao Lenhador. Assim, as abelhas não poderão picá-los.

Dorita deitou-se ao lado do Leão, com Totó nos braços, de maneira que o Lenhador pôde escondê-los completamente debaixo da palha.

Quando as abelhas chegaram, só encontraram o Lenhador de Latão. Voaram para cima d'ele, mas quebraram todos os seus ferrões na lata, sem ferir o Lenhador. Como as abelhas não podem viver com os ferrões quebrados, morreram todas e caíram no chão em montezinhos que pareciam pedacinhos de carvão.

Tendo passado o perigo, Dorita e o Leão levantaram-se e a menina ajudou o Lenhador de Latão a repôr a palha dentro do Espantalho, que logo ficou tão esperto como antes. Mais uma vez puseram-se a caminho.

A Bruxa do Ocidente ficou uma fera quando viu suas abelhas mortas. Bateu o pé, arrancou os cabelos e rangeu os dentes, feito uma doida. Depois chamou uma dúzia de vinikianos, seus escravos, e deu-lhes lanças pontudas, ordenando-lhes que atacassem os intrusos e matassem todos.

Os vinikianos eram uns medrosos de marca maior, mas sendo escravos, tiveram de obedecer às ordens da Bruxa. Já estavam pertinho dos viajantes quando o Leão soltou um rugido tremendo e deu um grande salto, esparramando os vinikianos que, apavorados, debandaram como cavalos selvagens. Que surra tomaram ao voltar ao castelo! A Bruxa espumava de raiva e, sem piedade, espancou-os com uma correia e em seguida mandou-os para o serviço. Danada, sentou-se para resolver como livrar-se desses estrangeiros. Não compreendia como todas as suas tentativas tinham sido malsucedidas; todavia, sendo não só uma bruxa malvada mas também engenhosa, não tardou a forjar um novo plano.

Tinha no seu armário um barrete de ouro craveado de brilhantes e rubís, que possuía grande poder mágico. Quem o possuísse, gozava o direito de chamar por três vezes os macacos alados a estes obedeceriam a qualquer ordem dada; entre-

tanto essas estranhas criaturas não poderiam ser chamadas mais que três vezes. A Bruxa havia já se utilizado do barrete mágico por duas vezes. A primeira vez foi quando escravizara os vinikianos e se apoderara de todo o país; a segunda, quando combatera o grande Oz e o expulsara do País do Ocidente. Só poderia usar o barrete de ouro mais uma vez e por isso estava guardando-o como último recurso. Chegara essa ocasião. Seus lobos ferozes, seus corvos selvagens e suas abelhas pretas tinham sido mortas e seus escravos tinham sido derrotados pelo Leão Covarde. Ela viu que só lhe restava um meio de livrar-se de Dorita e seus amigos.

Tirou, então, o barrete do armário e pô-lo na cabeça. Em seguida, equilibrou-se sobre o pé esquerdo e disse vagarosamente.

— Ep-pe, pep-pe, kak-ke!

Depois equilibrou-se no pé direito e disse:

— Ki-lo, ko-lo, ke-lo!

Em seguida, pôs os dois pés no chão e gritou:

— Ziz-zí, zuz-zí, zik!

Nisso, a bruxaria começou a produzir efeito. O céu se escureceu e um ruído surdo encheu os ares. Logo depois ouviu-se um bater de asas, tagarelice e ruidosas gargalhadas. O sol reapareceu, deixando ver a Bruxa rodeada por um bando de macacos, cada qual tendo um par de enormes e possantes asas.

O maior do bando, que parecia ser o chefe, voou para a Bruxa e disse-lhe:

— Chamaste-nos pela terceira e última vez. Quais são as tuas ordens?

— Quero que matem aqueles estrangeiros que atravessam meus domínios! Matem a todos, menos ao Leão. Quero que me tragam o animal, pois desejo arreá-lo como um cavalo e obrigá-lo a trabalhar.

— Tuas ordens serão cumpridas, disse o chefe.

Com isso, os macacos alados, tagarelando e gritando, voaram em direção a Dorita e seus amigos.

Alguns dos macacos agarraram o Lenhador e levaram o infeliz pelos ares, a uma região coberta de rochas ponteadas, deixando-o, então, cair de grande altura. Alí ficou o Lenhador de Latão, tão amassado que não podia fazer um movimento sequer nem soltar um gemido.

Outros macacos pegaram o Espantalho e, com seus compridos dedos, tiraram toda a palha de dentro da roupa e da cabeça. Fizeram do seu chapéu, das botas e da roupa um pequeno embrulho, que jogaram nos galhos mais altos de uma árvore.

O resto dos macacos amarraram a cabeça, o corpo e as pernas do Leão com

fortes cordas, de maneira que se lhe tornou impossível morder, arranhar ou fazer qualquer movimento. Assim preso, carregaram-no para o castelo da Bruxa e prenderam-no numa pequena área, cercada por uma grade de ferro muito alta, donde seria impossível escapar.

A Dorita nada fizeram. Agarrada a Totó ela assisitu, soluçando, àquela triste cena, imaginando que logo chegaria a sua vez. O chefe dos macacos aproximou-se dela, estendeu seus braços compridos e peludos, fez uma careta horrível mas, vendo na testa da menina a marca do beijo da Fada do Norte, recuou, fazendo sinal aos outros para que não lhe tocassem e explicou-lhes:

— Não podemos fazer mal algum a esta menina porque ela é protegida pelo Poder do Bem que é muito mais forte que o Poder do Mal. Podemos apenas levá-la ao castelo da Bruxa malvada.

De mansinho e com todo o cuidado, levantaram Dorita nos braços e voaram com ela pelos ares. Chegando ao castelo, depuseram-na no limiar da porta. O chefe, então, disse à Bruxa:

— Obedecemos-te no que podemos. O Lenhador de Latão e o Espantalho estão destruídos e o Leão está preso na área; entretanto não ousamos maltratar a menina nem o cachorro que trazia nos braços.

Despedindo-se da Bruxa, acrescentou:

— Teus direitos sobre a nossa tribo estão acabados. Nunca mais nos verás.

Então os macacos, gargalhando e tagarelando ruidosamente, desapareceram logo de vista.

A Bruxa ficou admirada e assustadíssima ao ver a marca na testa de Dorita. Bem sabia que nem ela, nem os macacos alados podiam judiar da menina, sem correrem grande risco. Olhando para os pés da menina, começou a tremer de medo por que conhecia perfeitamente o grande poder mágico dos sapatos de prata.

A princípio teve vontade de fugir, mas observando-a melhor, percebeu-lhe a singeleza da alma e sua completa ignorância quanto aos maravilhosos poderes que lhe davam os sapatos de prata. Certa disso, riu-se consigo mesma e pensou:

— Bem posso escravizá-la porque ela não sabe empregar o poder que tem.

Por isso, ordenou a Dorita num tom áspero e severo:

— Ande, venha comigo e tome nota de tudo o que lhe disser, senão a matarei como fiz ao Lenhador e ao Espantalho!

Dorita seguiu a Bruxa através de muitas das ricas salas do castelo, até chegar à cozinha; então a Bruxa mandou-a lavar as panelas e chaleiras, varrer o chão e pôr lenha no fogo.

Dorita pôs-se a trabalhar meigamente, resolvida a fazer o que pudesse, pois ain-

da se considerava feliz por ter escapado da morte.

Depois de dar serviço à Dorita, a Bruxa resolveu ir à área, para arrear o Leão Covarde; ia pensando nas delícias dum passeio de carro puxado pelo magestoso animal. Apenas abriu a porta da área, o Leão deu um rugido que fez estremecer a casa e, com os dentes arreganhados, saltou sobre ela. A Bruxa saiu feito uma bala, fechando a porta atrás de si.

— Espere, seu atrevido! Está muito valente, não é? Pois há-de passar fome. Não lhe darei comida enquanto não se resolver a obedecer-me.

A Bruxa cumpriu a promessa e não levou comida ao Leão; todos os dias, porém, pela tardezinha, chegava à porta da área e perguntava:

— Então, já se resolveu a deixar-se arrear?

— Não, era sempre a resposta do Leão. E se te atreveres a entrar aqui, arrepender-te-ás, ouviste?

O Leão estava valente e não cedia à vontade da Bruxa, porque todas as noites, depois que ela ia dormir, Dorita tirava do armário uma porção de comida e a levava ao seu amigo. Depois de matar a fome, deitava-se em sua cama de palha, tendo Dorita ao lado. A menina encostava sua cabecinha na comprida e sedosa juba do bom companheiro. Assim juntos, conversavam sobre suas tristezas e infortúnios e faziam mil planos para fugirem dali... mas como escapar? Eram vigiados constantemente pelos vinikianos amarelos. Sendo eles escravos da Bruxa malvada, tinham muito medo dela e lhe obedeciam cegamente.

A menina era obrigada a fazer muito serviço durante o dia e não raras vezes a Bruxa ameaçava-a de bater-lhe, com um guarda-chuva que trazia sempre consigo.

A verdade é que ela não se atrevia a bater em Dorita por causa da marca que trazia na testa, mas como a menina de nada desconfiava, vivia sempre em sobressalto. Uma vez a Bruxa bateu em Totó com o guarda-chuva. O corajoso cachorrinho avançou nela e deu-lhe uma mordida na perna. Nem sangue saiu da ferida porque a Bruxa era tão má que o sangue se lhe tinha secado nas veis, há muitos anos.

A vida de Dorita, dia a dia, tornava-se mais triste. Percebera que, presa como estava, nunca mais poderia voltar para junto da tia Ema. Às vezes chorava amargamente, durante horas inteiras. Totó sentava-se a seus pés e olhava para o seu rostinho triste, ganindo desconsoladamente, para mostrar que tinha dó dela. Para Totó tanto fazia estar na Terra dos Vivos como na Terra de Oz, contanto que Dorita estivesse com ele; mas sabia

que a menina estava triste e por isso também ficava triste.

Ora, a Bruxa desejava ardentemente possuir os sapatos de prata que a menina sempre usava. Das suas abelhas, corvos e lobos só restavam montes de cadáveres, ressecando-se ao sol e o barrete de ouro já não lhe valia nada; todavia se conseguisse obter os sapatos de prata seria mais poderosa do que nunca. Vigava constantemente Dorita para ver se conseguia roubar-lhe os sapatos quando ela os tirasse do pé ou estivesse distraída, mas a menina tinha muito orgulho dos seus lindos sapatinhos e nunca os tirava a não ser para dormir e tomar banho. A Bruxa tinha tanto medo do escuro que não ousava entrar no quarto de Dorita à noite, quando estava tomando banho. Durante toda a vida, a Bruxa já mais tocara em água e nem nunca deixara que o mais leve respingo a alcançasse.

Depois de muito matutar, a malvada teve uma idéia. Podia, afinal, conseguir o que tanto desejava. Colocou uma barra de ferro no chão da cozinha. Essa barra era invisível aos olhos humanos. Quando Dorita ia atravessando a cozinha, tropeçou nela e esparramou-se no chão. Não se machucou muito mas na queda deixou cair um dos sapatos e, antes que pudesse pegá-lo, a Bruxa, mais que depressa, agarrou-o e enfiou nele o seu pé enrugado e ossudo.

Ficou radiante porque enquanto possuísse um dos sapatos, tinha nas mãos a metade do poder mágico deles. Agora, mesmo que Dorita descobrisse o encantamento do sapato, não mais poderia vencer a Bruxa.

Vendo que ela se havia apoderado de um dos seus sapatinhos, ficou indignada e disse-lhe:

— Tu és malvada! Não tens o direito de ficar com meu sapato!

— Que me importa! Ficarei com ele do mesmo jeito, disse a Bruxa, zombando de Dorita. Deixe estar que qualquer destes dias hei-de ficar com o outro também.

O sangue subiu ao rosto da menina que, fora de si, agarrou num balde de água quente e atirou-o em cima da Bruxa, ensopando-a da cabeça aos pés.

A horrível velha, apavorada, soltou um grito agudo e começou a derreter-se, derreter-se. Dorita esfregava os olhos, espantada, sem poder acreditar no que via.

— Está vendo o que você fez? gritou ela. Daqui a pouco estarei completamente derretida.

— Oh! Coitada! disse Dorita, assustada ao ver a Bruxa, dinde dela, derreter-se como açúcar.

— Então você não sabia que a água daria cabo da minha vida? gemeu a Bruxa.

— Está claro que não, respondeu Dorita. Como havia de saber?

— Daquí a pouco nada restará de mim e o castelo ficará nas suas mãos. Fui sempre malvada, mas nunca pensei que uma menina tão pequena conseguisse derreter-me. Pronto, está tudo acabado!

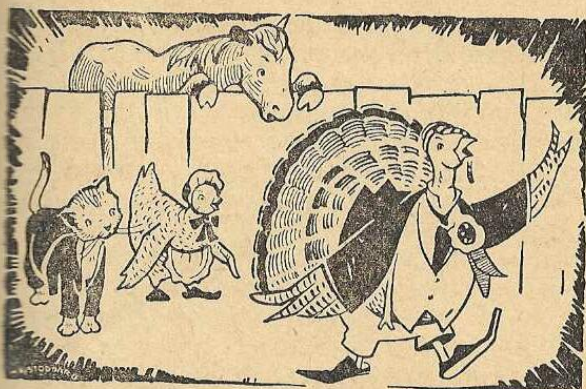
Com um pequeno estalido, a Bruxa ficou completamente transformada em um montinho de massa pardacenta e informe, que se esparramou pela cozinha. Vendo que a Bruxa se tinha derretido inteiramente, Dorita pegou noutro balde de

água, jogou-o em cima do líquido sujo e varreu tudo pela porta afora. Em seguida, ergueu o sapatinho de prata, o único sinal que restava da Bruxa, limpou-o, enxugou-o com um pano e tornou a calçá-lo. Agora ela era senhora do seu nariz e podia fazer o que bem entendesse. O seu primeiro cuidado foi correr à área e participar ao Leão que acabava de matar a Bruxa do Ocidente e que, portanto, estavam livres.

(Continua).



O PERÚ QUE VOLTOU



O sr. Zoque era um peru vigoroso, grande e bonito. Orgulhava-se de sua elegância e beleza. Andava na fazenda Moreira muito vaidoso e cheio de si.

Um dia dona Branca, a galinha, disse ao peru: “Amanhã é dia de Natal e penso que você vai ser assado.”

— Nada disso, respondeu. Isso não me agrada nem um pouco.

— O Natal é festa significativa, disse o gato Mimí, enquanto passava a patinha pelos bigodes. No dia de Natal sempre dou um jeito de ficar na cozinha, pois o dia todo há coisas gostosas para se comer. E’ o dia em que todos, filhos, netos e bisnetos se reúnem na fazenda. E sempre o prato mais importante é o peru assado.

— Seja como for, não pretendo ser peru assado.

— Que tenciona fazer então? perguntou o cavalo, olhando solenemente por cima da cerca.

— Que pretendo fazer? Vocês vão ver, logo.

Assim dizendo, caminhou a passos ligeiros e transpôs a porteira que Netinho deixara aberta.

Houve muito falatório entre as aves e os animais da fazenda, mas Zoque não lhes deu ouvido.

“Será uma aventura gozada”, pensou consigo mesmo. “Fui bem ladino em fugir de casa!” E bateu as asas satisfeito.

Quando já se achava bem distante, começou a sentir fome; então procurou entrar num campo vizinho para lambiscar alguma coisa. Deu logo com uma enorme abóbora, amarelinha que dava gosto.

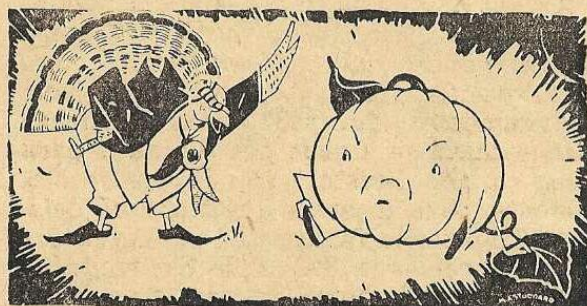
— Helô! saudou o peru amigavelmente. Como vai, num dia tão lindo como este?

— Ah! Não acho lindo, não, respondeu a abóbora aborrecida.

— Por que?

— Ora, pois amanhã as crianças têm a festa da lanterna. Eu tinha certeza de ser a escolhida, ao invés escolheram outra, muito menor e menos madura que eu.

— Pois, se você não está satisfeita aquí, por que não faz como eu, que dei o fora de casa?



— Boa idéia! disse a abóbora.

E rolando, rolando, foi parar ao lado do peru. E foram indo.

Logo chegaram a outra fazenda onde viram um porquinho comendo sua lavagem.

— Olá, porquinho, gritou o peru, o dia hoje está lindo! Como vai você?

— Muito bem não vou, não, respondeu ele, enchendo novamente a boca de comida.

— Que é que há?

— E' que eu sou um porco moderno e meu dono é um velhote antigo — eu sei, porque o empregado dêle, que tem um rádio, pô-lo no paiol para poder ouvi-lo enquanto ordenha as vacas. E ontem, por acaso, ouvi um homem falar no rádio que todos os fazendeiros devem providenciar meios para os porcos tomarem banho. E meu dono até hoje nunca me deu um banho sequer. E' uma vergonha!

— Ora, se você não está satisfeito com as coisas em sua casa, por que não faz como eu que dei o fora logo?

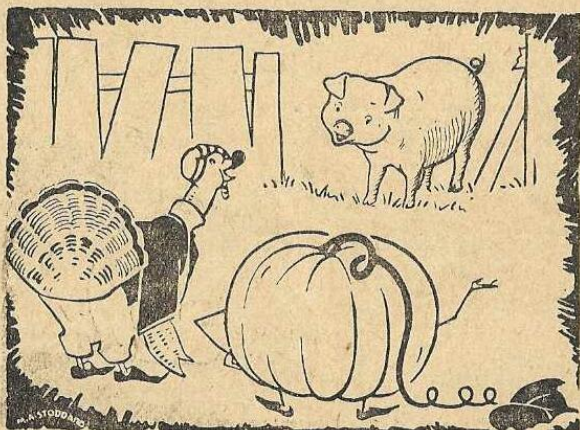
— E coisa importante é conhecer o mundo, acrescentou a abóbora arrogantemente.

— Ótima idéia!

Então o porco quebrou uma táboa pôdre do seu chiqueiro e reuniu-se aos outros. E os três prosseguiram a viagem.

A essa altura, Zoque já se sentia importante, pois além de sua aventura ainda comandava outros.

Enquanto caminhavam, ouviu um zunido forte e raivoso bem em cima de sua cabeça. Erguendo os olhos viu uma abelha.



— Olá, como vai, abelhinha, num dia lindo como êste? perguntou Zoque.

— Muito mal, não podia ser pior, foi a resposta.

— Por que?

— Pois tenho um patrão que sempre está a inventar modas. Eu gosto de seguir os hábitos de meus pais, avós, bisavós, trisavós, tataravós e cocorecos.

— Mas que aconteceu? perguntou a abóbora.

— Vejam só. Trabalhei sem cessar o verão todo. E' justo gozar férias durante o inverno. Imaginem que meu dono me vai mandar junto com as outras para passar o inverno no norte, *trabalhando!* Ridículo!

— Então, visto não estar satisfeita, por que não foge? E' o que nós três estamos fazendo, explicou o peru.

— E' a última moda, acrescentou o porco.

E a abelha se reuniu ao grupo.

Pouco adiante viram uma vaca no pasto com um tachinho na cabeça.

— Olá, cumprimentou Zoque. Desejo-lhe um dia alegre.

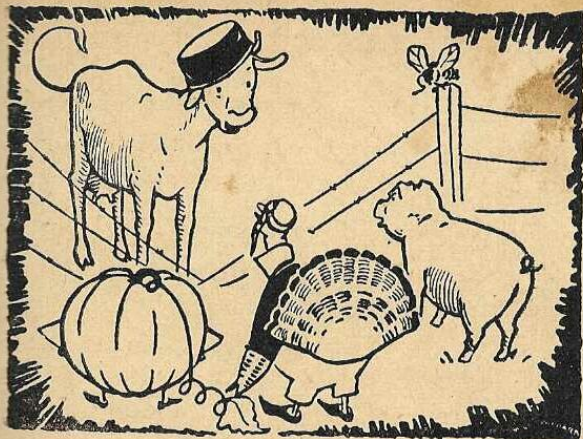
— Alegre? resmungou ela. Era só o que faltava.

— Que lhe aconteceu? continuou o peru.

— Se há quem goste de sossêgo, sou eu, tornou a vaca. Gosto de tudo calmo e pacífico. Mas, o outro dia, por brincadeira, para me divertir um pouco, pús êste tacho na cabeça e daí por diante não tive mais sossêgo. Diariamente vêm da cidade jornalistas para escrever a meu respeito. E hoje cedo estiveram aquí os redatores duma revista e até me tiraram o retrato. Já ando nervosa com isto e cansada de tudo!

— Uma vez que você não está contente aquí, por que não nos faz companhia? Estamos todos revoltados com o que anda em nossas casas e saímos, disse Zoque.

— Por você ficar não é que as coisas vão melhorar, zuniu a abelha.



— Isso é verdade, afirmou a abóbora.

— Acho então que vou escapulir, disse a vaca.

E, encontrando na cêrca um pau que os repórteres haviam afastado, passou sem muito esforço e o grupinho de aventureiros continuou a marcha. Andaram, andaram, andaram, distanciando-se cada vez mais. Afinal, ao entardecer, chegaram à beira duma floresta. O sol já se escondia por detrás das árvores e a noite caía.

— Que vamos fazer agora? perguntou a abóbora.

— Onde vamos passar a noite? perguntou a vaca.

— Que vamos comer? queria saber o porco.

— E eu, zuniu a abelha, não estou acostumada a esta vida de andejo.

Com isso, a abóbora, o porco, a abelha e a vaca, indignados, começaram a gritar e a queixar-se com o Perú. Quanto mais falavam, mais revoltados ficavam. O Perú nada sabia dizer.

— Você não se aperta, porque pode empoleirar-se em qualquer árvore; e nós? berrava a vaca.

— Você está bem sossegado porque pode muito bem alimentar-se de gafanhoto. Mas eu, que hei-de comer? reclamava o porco.

— Você está aí muito concho, hein sr. Perú. E não vê que eu estou mais morta que viva de tanto rolar e sal-

tar? Isso não é brincadeira, bradava a abóbora.

— E eu estou acostumada a passar a noite com minhas amigas e pouco se me dá a sua companhia, dizia a abelha.

E com isso ela zuniu tão forte e ferozmente no ouvido do Perú que o coitado pensou haver chegado o seu fim.

Era tal o vozerio que uma coruja voou num galho de árvore que estava exatamente por cima deles e disse:

— Que vem a ser essa discussão aqui em baixo da janela de meu quarto? Vocês não desconfiam? Tenham a bondade de ir mais longe.

— Não há para onde ir, resmungou o porco.

— A culpa é tôda do Perú, disse a vaca, batendo com o rabo, propositamente, nos olhos dêle.

E cada um por sua vez, contou o caso à coruja.

— Muito bem, tornou a coruja. O caso é fácil. Se não querem continuar com o Perú, por que não voltam para suas casas?

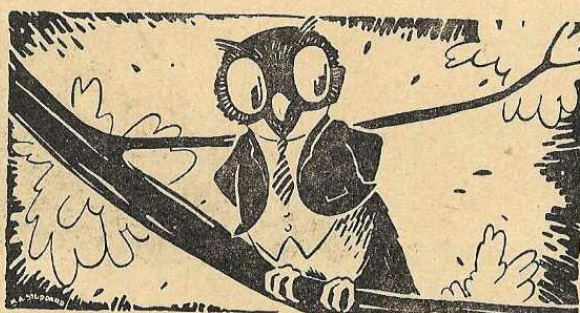
O porco, a abóbora, a vaca e a abelha, entreolharam-se cheios de espanto.

— E' mesmo! Ninguém se lembrou disso! disseram. E' a melhor solução! Muito lhe agradecemos, sábia coruja!

E os quatro deram as costas ao Perú sem nem ao menos dar-lhe "Boa Noite".

Então a coruja disse a Zoque:

— Viu? Bem feito. Aprenda agora a não mais se intrometer na vida dos outros.





E a coruja voltou ao seu ninho.

Zoque estava tão cansado e aborrecido que trepou numa árvore e tratou de dormir logo.

Choveu a noite tãda. O dia seguinte amanheceu feio. Zoque procurou na redondeza alguma coisa para comer, mas sentia-se muito solitário. Resolveu então entrar em alguma fazenda onde encontrasse companhia. Deveria ser fácil com tantas fazendas por alí, mas nenhuma o agradava. Ou era muito grande ou muito pequena, muito nova ou muito velha. E assim êle foi errando. Pensava saudoso na fazenda Moreira, mas nem sabia voltar para lá.

E caminhou, caminhou, cada vez sentindo mais frio e fome e tristeza.

Decidiu então entrar na primeira fazenda que encontrasse, fôsse eia qual fôsse, pois estava em mísero estado.

Dalí a pouco avistou, numa curva da estrada, numa colina, uma casa branca de fazenda, o que lhe trouxe

doces recordações da fazenda Moreira.

Apressou o passo, impulsionado por alguma coisa estranha, e logo encontrou um portão aberto. Eram dez horas da manhã. Entrou, rodeou a casa e deu com o terreiro.

E que barulho êle ouviu.

"Zoque voltou, Zoque voltou", gritaram tôdas as galinhas, enquanto os cães latiam alegres.

Realmente! Zoque estava outra vez em sua velha e boa casa.

Antes de dizer palavra, veio o fazendeiro, correndo, ver que algazarra era aquela e deu com o perú.

— Venham ver! Venham ver! O perú apareceu!

E passou-lhe a mão pelas penas húmidas. "Coitado do meu perú, tão garboso que era."

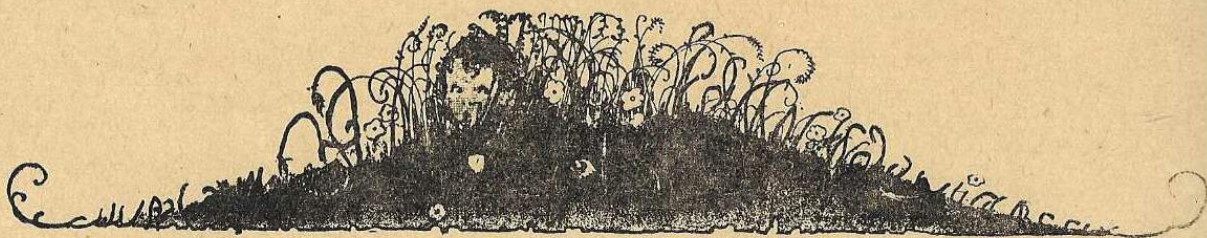
Logo veio o Netinho com a vovó e esta lhe disse:

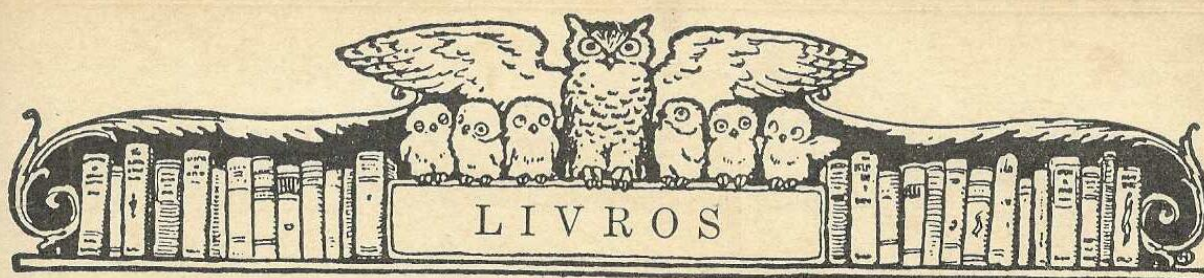
— Viu, Netinho, tudo porque você deixou o portão aberto. Doutra vez tome cuidado, ouviu, meu bem?

Todavia, não era preciso tal recomendação pois Zoque já estava mais do que castigado e não tencionava mesmo deixar sua boa casa por nada, nada.

Depois que todos se acalmaram, Zoque se acomodou para tirar uma soneca, tendo várias vezes repetido para si mesmo:

*Novo ou velho, nosso lar,
Rico ou pobre, não tem par.*





QUEM É QUE SABE?

- 1) Completar : *O senhor conhece os que são seus e qualquer que profere o nome de Cristo...*
- 2) Qual é a ilha que tem por capital a tocaia da capital do estado de Espírito Santo ?
- 3) Qual é a ave que tem o nome dum instrumento musical ?
- 4) Qual é a parte do calçado que perdendo uma letra fica no céu ?
- 5) Qual foi o aviador que mais se destacou na guerra do Paraguai ?
- 6) Qual o traje que é meigo ?
- 7) Qual é o seu parentesco com a sogra da mulher de seu irmão ?
- 8) Quem dirigiu a construção do Canal do Panamá ?
- 9) Corrigir : Fica quieto, você não vê que teu pai está lendo ?
- 10) Porque o relâmpago sempre precede o trovão ?
- 11) Que famoso poeta grego era cego ?
- 12) Quem inventou a máquina de costura ?
- 13) Citar dez madeiras de nossas matas que servem para construções e fabrico de moveis ?
- 14) Quantos ossos formam a nossa face ?
- 15) Quanto tempo jejuou Jesus antes de ser tentado ?

Respostas às perguntas de Agosto

- 1) ...amontoarás brasas de fogo sôbre a sua cabeça.
- 2) Vela.
- 3) O Acre.
- 4) Vamos hoje assitir ao jôgo ?
- 5) Em S. Paulo, no comêço da estrada que vai a Santos.
- 6) Teresa Cristina.
- 7) Sua biblioteca particular que hoje é do govêrno e franqueada ao público orça aí por 40,000 volumes.
- 8) Doze — dóse.
- 9) Equador — Quito.
- 10) A América do Norte é 600 kms. mais larga que a do Sul.
- 11) Combateremos à sombra.
- 12) Príncipe Oto de Bismarck, Chanceler da Almanha.
- 13) Seiva.
- 14) Hipermetropia.
- 15) A Bíblia se compõe de 66 livros — 39 no Velho Testamento e 27 no Novo.



Primavera!

Letra: Antônio de C. Gonçalves

Música: Grace L. Hoemer.

Lin-do ar - re - bol! Ma-nhã gen - til!

Ma - nhã de luz, pri - ma - ve - ril, E mu - si - cal!

Pois se - ja um sol o meu Bra - sil!

Cu - jo ful - gor de e - xem - plos mil, Se - ja i - mor - tal!

Lindo arrebol! Manhã gentil!
Manhã de luz, primaveril,
E musical!

Pois seja um sol o meu Brasil!
Cujo fulgor de exemplos mil,
Seja imortal!